

**DO PROBLEMA DO SOCIAL  
AO SOCIAL COMO PROBLEMA:  
elementos para uma leitura da sociologia pragmática francesa**

***FROM THE PROBLEM OF THE SOCIAL  
TO THE SOCIAL AS A PROBLEM:  
a reading of the French pragmatic sociology***

---

Diogo Silva Corrêa<sup>1</sup>

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro /  
École des Hautes Études en Sciences Sociales*

**Resumo**

O objetivo do presente artigo é analisar como a sociologia pragmática francesa, tal como se constituiu na década de 1980, traz uma novidade com relação aos autores que podemos, hoje, chamar de neoclássicos (Pierre Bourdieu, Harold Garfinkel, Norbert Elias, Anthony Giddens, Ervin Goffman). Através da exposição de alguns dos principais expoentes da aludida corrente da sociologia francesa como Bruno Latour, Luc Boltanski, Laurent Thévenot e Francis Chateauraynaud pretendo mostrar como, diferentemente dos neoclássicos que buscavam enfrentar o problema do tratamento do social como substância (ou como coisa) por intermédio das relações (advogando que as relações são anteriores aos termos), os autores contemporâneos da sociologia pragmática tentam tratá-lo como fluxos problemáticos em constante movimento. Eis porque digo haver uma passagem do problema do social para o tratamento do social como problema, isto é: o social deixa de ser o fator explicativo do mundo social e torna-se aquilo que deve ser explicitado e explicado por meio do

---

<sup>1</sup> Gostaria primeiramente de agradecer ao professor Gabriel Cohn pelos valiosos comentários feitos a uma primeira versão desse texto, apresentado no GT “Pluralismo na Teoria Social” do 36º Encontro da ANPOCS em Águas de Lindóia (SP). Sou igualmente grato a Artur Perrusi, a Cynthia Hamlin e a Frédéric Vandenberghe pelo convite para contribuir ao presente dossiê. Por fim, agradeço especialmente a Frédéric, a Rodrigo de Castro e a Rodrigo Cantu pela parceria e atenta leitura que fizeram do texto e a Alexandre Werneck pelas conversas pragmatistas que ajudaram a dar mais nitidez a algumas das ideias que aqui apresento.

modo como os atores, em meio aos momentos críticos e situações indeterminadas, fazem, desfazem e refazem suas associações heterogêneas.

**Palavras-chave:** sociologia pragmática francesa, Bruno Latour, Luc Boltanski, Francis Chateauraynaud.

### **Abstract**

The aim of this paper is to analyze how the French pragmatic sociology, as the way it has been constituted in the 1980's, brings out a novelty with respect to the authors that we today call the neo-classical (Pierre Bourdieu, Harold Garfinkel, Norbert Elias, Anthony Giddens, Ervin Goffman). By exposing some of the leading exponents of the alluded current in French sociology as Bruno Latour, Luc Boltanski, Laurent Thévenot and Francis Chateauraynaud I intend to show how, unlike the neo-classical way of dealing the problem of treating the social as a substance by means of relations (that is, advocating that relations precede the terms), the contemporary authors of pragmatic sociology try to treat the social itself as an entangled of problematic movements in constant flow. This is why I sustain that there is a passage from the problem of the social to deal with the social as a problem, that is: the social ceases to be the explanatory factor of the social world and becomes what shall be clarified and explained by the way actors, amid their critical moments and indeterminate situations, do, undo and redo their heterogenic associations.

**Keywords:** French pragmatic sociology, Bruno Latour, Luc Boltanski, Francis Chateauraynaud.

## **Introdução**

Nos manuais ou cursos introdutórios de sociologia aprendemos, logo de cara, que a sociologia possui um mito fundador. Esse mito, como se sabe, coube a Émile Durkheim estabelecer no livro que, não por acaso, é, para muitos, tido como a obra fundadora da sociologia: *As Regras do Método Sociológico*. Na aludida obra, mais precisamente no capítulo dois, Durkheim define a “primeira regra fundamental” do saber sociológico, a saber, é preciso “tratar os fatos sociais como coisas”. Ora, se esse gesto, a princípio, foi não apenas fundacional como basilar para a sociologia garantir uma relativa autonomia diante dos outros saberes, como a biologia, a psicologia (Durkheim, 1912) e a literatura (Lepenes, 1996), é inegável que, em um segundo momento, muitos problemas daí advieram. E parte da sociologia, desde então, tentou e ainda tenta – cada autor a seu modo e segundo sua respectiva tradição – evitar, mitigar, fugir ou mesmo superar os obstáculos, antinomias e problemas que daí se originaram. Não por acaso, mais recentemente, o conceito de sociedade tratado de forma substantiva

(como coisa!) tem sido progressivamente contestado e a tese segundo a qual este seria obsoleto parece angariar cada vez mais defensores (Viveiros de Castro, 2002; Ingold, 1996; Latour, 2006).

A discussão do presente artigo parte, portanto, desse problema constitutivo da formação da sociologia como saber autônomo: o mito fundacional durkheimiano do *fato social como coisa*. Para, em seguida, apontar como a sociologia francesa contemporânea fez um esforço para “dessubstancializar” essa noção. Minha leitura é, por conseguinte, deliberadamente interessada, pois ela extrai de alguns dos autores contemporâneos da sociologia os elementos forjados no trabalho de confrontação da dimensão reificante do social. Em termos mais precisos, minha leitura visa mostrar como parte da sociologia francesa hodierna, para escapar à dimensão reificante do social, opta pela estratégia da apreensão do *social como problema*.

Diante desse quadro, sustento a hipótese de que é possível ler a sociologia contemporânea através do seu progressivo esforço de “dessubstancialização” do social desde, ao menos, as décadas de 1960-70. Ervin Goffman, Harold Garfinkel, Norbert Elias, Pierre Bourdieu e Anthony Giddens são apenas alguns dos mais famosos autores... E a estratégia principal, comum a todos eles, para executar essa árdua tarefa, foi o que aqui chamo de “relacionismo”, isto é, a ideia segundo a qual a possível “substância” do social é, na verdade, um conjunto ou emaranhado de relações. Nesse sentido, o “relacionismo” advoga a ideia de que as relações são anteriores aos termos e, por isso, aquilo que Durkheim diz dever ser tratado como “coisa” é, em realidade, nada além do que um termo forjado e constituído por um universo de relações que lhe são tão anteriores quanto constitutivas. Seja pelo foco nas ações interativas *in situ* ou nas interações face-a-face, como em Garfinkel (1967) e Goffman (1967), seja pela ênfase nas “teias de interdependência ou configurações de muitos tipos” (Elias, 2008, p. 15) ou, ainda, na relação dialética entre agência e estrutura, como em Bourdieu (1979) e Giddens (1984), o social como coisa parece ter sido um dos grandes entraves a serem superados. Esse foco no social por meio das relações, desde então, parece ter se tornado dominante e hegemônico e parece ter sido, digamos, metabolizado pelo senso comum da sociologia contemporânea.

Dito isso, parece-me que mais recentemente uma novidade foi trazida à baila. E na sociologia pragmática francesa<sup>2</sup>, que será o foco do

---

2 Quando me refiro à sociologia pragmática francesa, falo de uma constelação que contempla uma enorme gama de autores. Além dos mencionados no texto, seria importante citar Nathalie Heinich, Nicolas Dodier, Cyril Lemieux, Antoine Hennion, Philippe Corcuff, Alain Desroisière, Dominique Linhardt,

artigo, acredito ser possível observar uma inovação. A partir da aludida corrente, meu intuito será responder qual é a novidade que ela traz para além do relacionismo. Em outros termos, o que esses autores trazem de diferente do que fora legado pela tradição do pensamento sociológico clássico (ratifico que aqui incluo, digamos, os “clássicos contemporâneos” ou neoclássicos como Bourdieu, Elias, Goffman, Garfinkel e Giddens)? Por fim, pergunto-me também em que medida essa sociologia contemporânea reflete, através de suas ferramentas e formas de expressão, uma “ontologia do tempo presente” (Foucault, 1984)?

Porém, é preciso ir com calma. Por ora, é necessário explicitar quais as respostas que a sociologia francesa contemporânea nos trouxe para além da ideia de que o social não deve ser visto em termos substantivos,

---

Danny Trom, Daniel Cefaï, Louis Queré etc. Além disso, trata-se de um termo relativamente consolidado na literatura francesa após a década de 1990. Convém citar alguns exemplos: em 1991, a revista francesa *Critique* elabora um número cuja introdução, de Vincent Descombes, intitula-se “ciência social, ciência pragmática”. Na introdução de *Les formes de l'expérience*, de 1995, Bernard Lepetit aponta para a emergência de “um novo paradigma” que “mantém uma distância do estruturalismo” para “prestar atenção na ação situada e referir a explicação do ordenamento dos fenômenos ao seu próprio desenvolvimento.” (Lepetit, 1995, p. 14). Um pouco mais tarde, em 1999, Thomas Bénatouïl publica um artigo propondo uma comparação entre a sociologia pragmática da crítica de Luc Boltanski e Laurent Thévenot e a sociologia crítica de Pierre Bourdieu. Breviglieri e Stavo-Debauge (1999), no mesmo ano, escrevem um artigo em que descrevem a existência de um “gesto pragmático” na sociologia francesa. Bruno Latour, em 2001, se declara “jamesiano, deweyano e pragmatista” (Latour, 2001, p. 115). Em 2004, é a vez do grupo *Raisons Pratiques*, que dedica um de seus números às fontes do pensamento pragmatista, mostrando como, a partir da década de 1980, os autores pragmatistas são “redescobertos” como bons aliados contra os problemas legados pelo estruturalismo. Ainda em 2004, Cyril Lemieux ministra um seminário na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) exclusivamente dedicado à apresentação da sociologia pragmática – ou, como ele prefere chamar, “sociologia das provas”. Nesse seminário, Lemieux chega a estabelecer alguns postulados gerais como “reflexividade, senso de justiça, competência, pragmatismo, antiessencialismo, realismo, simetria, pluralismo e indeterminação”. Mais tarde, o próprio Lemieux (2009; 2010) reduz a lista para dois postulados que ele considera essenciais: indeterminação e pluralismo. Em 2005, Nicolas Dodier sublinha certo “ar de família” comum aos autores da sociologia pragmática. Mohammed Nachi publica, em 2006, um manual de introdução dedicado à apresentação da sociologia pragmática, e, nele, refere-se à existência de um novo “estilo sociológico”. Mais recentemente, Luc Boltanski refere-se, em seu livro *De la critique* (2009), ao programa de pesquisa por ele levado a cabo na companhia de Laurent Thévenot como “sociologia pragmática da crítica”.

mas como um emaranhado de relações. Minha hipótese é que, a partir da década de 1980, uma outra estratégia parece ter sido propalada. Ainda que a imagem do social (ou mesmo do real, como bem notou Vandenberghe, 1999) como relação não tenha sido deixada de lado nem abandonada, mas intensificada com Bruno Latour, Luc Boltanski, Laurent Thévenot, Daniel Cefaï e Francis Chateauraynaud, para citarmos os autores que consideramos mais significativos na constelação da pragmática da sociologia francesa (Dosse, 1996), uma nova passagem parece se anunciar. Como desenvolverei adiante, sustento que há uma transição do *problema do social* para o *social como problema*. Mas o que isso quer dizer? Grosso modo, para esses autores o social deixa de ser o elemento explicativo das coisas e torna-se aquilo que deve ser explicado a partir de relações e movimentos problemáticos. O social não é mais, como em Durkheim (1912), o elemento explicativo das noções de espaço e de tempo ou das formas elementares da vida religiosa, nem, como em Bourdieu (1979), o elemento explicativo da lógica da distinção dos juízos estéticos, dos comportamentos e das ações guiadas pelas estruturas encarnadas nos corpos (*habitus*), mas, ao contrário, é tratado como um emaranhado de relações e associações dinâmicas, dúcteis e fluídas que podem ser captadas através de situações problemáticas. O social, nesse sentido, deixa de ser tratado como uma “coisa”, ou seja, uma substância dotada de características e traços positivos a partir dos quais os elementos não sociais (como a religião, a arte, a ciência e a própria sociologia!) ganham sentido, e torna-se um conjunto de movimentos, associações, transformações, enfim, um fluxo tornado apreensível a partir de *affaires* (Boltanski e Clavérie, 2007; Chateauraynaud, 2011), *momentos críticos* (Boltanski, 1990; Boltanski e Thévenot, 1991), situações *problemáticas* (Cefaï, 2006), *momentos de prova e controvérsias* (Chateauraynaud e Bessy, 1995; Latour, 2006 e 2010). Eis o ponto fundamental do presente artigo: apresentar como a sociologia pragmática francesa advoga a importância das situações problemáticas e incertas como modalidade de captação do social e, com isso, revela progressivamente o *social como problema*. Desse modo, a sociologia francesa fornece uma resposta diferente dos neoclássicos para escapar às substantivações do social legadas pela tradição do pensamento sociológico.

Como então seria possível sintetizar rapidamente as estratégias propaladas pela sociologia pragmática francesa para a captação do social como problema? A argumentação se situa em três níveis que, embora sejam analiticamente discerníveis, são relacionados e contínuos. O primeiro é metodológico e, assim como o segundo, está ligado à tradição pragmatista clássica norte-americana segundo a qual os elementos fundamentais da ação e da situação (Dewey, 1938) ou da formação dos coletivos (Dewey, 1927)

não apenas se tornam visíveis, como se fazem e se refazem em meios às investigações motivadas por indeterminações e problemas. Ou seja, parte-se da hipótese de que o social é o que se torna visível e o que se faz, se desfaz e se refaz através das situações problemáticas, momentos críticos, controvérsias, *affaires*, crises coletivas etc. Um segundo nível é ontológico: o social não é prévio aos desdobramentos das ações em meio às situações problemáticas, mas o seu resultado. Ele não é, portanto, o que explica a resolução do problema, mas, ao contrário, *o social é o que emerge a partir das suas formas de resolução*. Ele é a resultante provisória e contingente, e não a causa. Daí porque, ao invés de uma entidade fechada que ajuda a explicar e encerrar outros elementos potencialmente dinâmicos e fluidos, ele é, ao contrário, a resultante sempre aberta e em constante evolução que emerge da resolução de problemas. Um terceiro nível, por fim, é histórico: cada vez mais a modalidade de aparição e expressão do mundo tem se dado em sua condição problemática. A considerar a literatura sobre os riscos, epidemias como a “vaca louca”, gripe aviária e questões altamente controversas como os transgênicos, a nanotecnologia, o amianto, o clima etc., cada vez mais os elementos do mundo têm se mostrado em sua condição incerta. Progressivamente, a modalidade de aparição das entidades que habitam nosso cosmos tem se dado nos movimentos e fluxos problemáticos, sendo os riscos e as incertezas, comparativamente aos momentos históricos anteriores, muito mais presentes como parte integrante de nossa experiência cotidiana e concreta como habitantes do mundo.

Dito isso, convém passarmos ao modo como a sociologia pragmática contemporânea expressa essa mudança de *perspectiva* nos três aludidos níveis que, no presente texto, descrevo como a passagem *do problema do social para o social como problema*.

### **Da escala da sociologia para a escala dos atores: o social como fluxo problemático em Bruno Latour**

Logo no início de *Changer de Société. Refaire de la sociologie* (2006), Latour propõe à sociologia, para usar os termos de Thomas Kuhn, uma mudança paradigmática, tal como ocorreu na física no século passado:

Na física, como na sociologia, na maior parte das situações ordinárias, quando a mudança é lenta, um quadro de referência absoluto registra sem deformação insuportável a ação discordante dos agentes: o paradigma pré-relativista convém perfeitamente. Mas desde que as coisas se aceleram, desde que as inovações proliferam, desde que o número de entidades se encontra multiplicado e se obstina-se a

manter um ponto de referência absoluto, recolhem-se dados que não possuem de imediato nem pé, nem cabeça [...] A questão se põe então da seguinte maneira: se, no início do século passado, os físicos chegaram a passar da solução de bom senso que postulava a existência de um éter absolutamente rígido e, contudo, indefinidamente plástico, os sociólogos podem descobrir novas possibilidades de deslocamento de um quadro de referência a outro abandonando, por sua vez, a noção de substância social como se tratasse de uma hipótese ‘supérflua’?<sup>3</sup> (Latour, 2006, p. 23).

A ideia é simples: na impossibilidade de se manter um ponto de vista absoluto, uma metafísica externa aos atores que seja capaz de fundar, para além dos próprios, um princípio de explicação último de seus comportamentos, de suas ações, Latour propõe uma reorientação de perspectiva com relação à sociologia clássica. O principal objetivo do autor é oferecer uma alternativa capaz de escapar do social substantivo, quer dizer, do social como quadro de referência absoluto e explicativo das coisas (a sociedade como “Deus”, em Durkheim, ou “estrutura estruturada”, em Bourdieu) para caminhar na direção de uma sociologia sensível às *variações e critérios* ou *princípios de avaliação* mobilizados e tornados visíveis, pelos atores, em situações problemáticas ou em controvérsias. Em poucas palavras, trata-se de elaborar uma metafísica que, no limite do possível, se deixe contaminar pelas metafísicas dos atores sobre os quais a sociologia teoriza. Como bem define Latour (2006, p. 36), “a tarefa de definição da ordenação do social deve ser deixada aos próprios atores, no lugar de ser monopolizada pelo pesquisador”. Daí porque, continua o diretor científico da Science Po, “nosso objetivo não é estabilizar o social no lugar dos atores estudados, mas deixar os atores, ao contrário, fazerem o trabalho de composição em nosso lugar” (Latour, 2006, p. 46).

Qual seria então a estratégia de Latour para captar o modo como os próprios atores definem a “ordem do social” ou fazem “o trabalho de composição” do mundo no lugar do sociólogo? É exatamente aí que entra a importância das situações críticas, de crise ou das controvérsias. Para captar o modo como os próprios atores compõem e recompõem seus mundos, Latour propõe que se vá diretamente às situações ou momentos em que o social, quer dizer, os “elos” e os “vínculos”, os “desvios” e as “composições”, ou simplesmente as “associações de elementos heterogêneos” ainda se encontram instáveis, em estado “quente”. E isso por duas razões. A primeira é histórica – e talvez aqui esteja a, não por acaso, afinidade de Latour

---

3 Fiz a tradução de todas as citações dos livros que se encontram, nas Referências, em francês.

com Ulrich Beck. Como bem definiu esse último em *Risk society*<sup>4</sup> (1992), vivemos em um mundo cujo maior desafio não é mais a distribuição da riqueza e dos bens, mas o compartilhamento de riscos. Paradoxalmente, o projeto iluminista que visava à obtenção de maior controle sobre o mundo, a partir do acúmulo de conhecimento e do progresso tecnológico, acabou levando, ao contrário, ao reconhecimento de uma ampla gama de riscos, quer dizer, da dimensão incerta do próprio mundo. Ao invés de certezas, a racionalidade instituída levou ao progressivo reconhecimento de sua condição problemática. Mesmo os especialistas e cientistas, cada vez mais, não estão de acordo sobre o que o seu “exato” saber lhes indica; razão pela qual existe a necessidade de se ater às situações problemáticas ou controversas para bem apreendê-lo – afinal, essa se torna progressivamente a sua principal modalidade de expressão.

Latour explora uma segunda razão, de ordem metodológica, que diz respeito ao fato de o social se tornar mais bem apreensível, senão apenas, ao menos sobretudo nesses momentos problemáticos. É nas situações de ruptura ou incertas que os elementos constitutivos e pertinentes para os atores tornam-se visíveis para a análise. Nas situações de rotina, em que os objetos, as entidades, as pessoas e suas qualidades ou equivalências estão bem estabilizadas, o mundo adquire uma transparência e seus elementos são “tomados por naturais ou óbvios” (*taken for granted*) (Schutz) ou “vistos, mas não notados” (*seen but unnoticed*) (Garfinkel). O mundo aparece em sua modalidade dóxica (Husserl, Bourdieu) e não exige nenhum questionamento; nada necessita passar pelo crivo da atividade crítica. É apenas à medida que há bloqueios, rupturas, transformações, variações etc. que determinados traços tornam-se apreensíveis para a apreciação para os próprios atores e, por conseguinte, para a apreciação sociológica. Nas palavras de Latour (2006, p. 17), “o social não pode ser apreendido senão pelos *traços* que ele deixa no curso de *provas*, quando uma *nova* associação se cria entre elementos que não são, de nenhum modo, ‘sociais’ por si mesmos”. Ou ainda, de modo mais preciso, o autor explicita que “a questão do social emerge quando os elos nos quais nós estamos envolvidos começam a se desfazer” e que “são os movimentos inesperados de uma associação à outra que permitem detectar o social” (Latour, 2006, p. 357). Nesse sentido, o social, mais do que *coisas em relação*, é definível e captável apenas como *problemas em movimento*. E, mais do que isso, ele é a resultante provisória do trabalho dos atores no trato com esses fluxos problemáticos. Daí decorre o argumento ontológico: *social é o resultado sempre provisório e temporário das resoluções empreendidas*

---

4 Para uma melhor síntese e apresentação do argumento central de *Risk Society* ver a resenha feita por Frédéric Vandenberghe (2001).



*pelo trabalho dos atores no processo de experimentação desses movimentos problemáticos.*

Mas a questão que sempre retorna é: como é possível levar a sério a capacidade dos atores de definirem as propriedades que lhes são pertinentes e estabilizá-las por um tempo? Como analisar a composição do social? Isso explica a importância, para Bruno Latour, das situações de prova. Em *Cogitamus* (2010), mais precisamente na segunda carta (o livro é composto, ao todo, por seis cartas), ele trabalha o aludido conceito. Trata-se, como já dito, de um problema de método. Se o social não é mais uma coisa composta e fixa, quer dizer, uma substância, como seria possível analisar a dinâmica de sua composição *en train de se faire*? Ora, explica Latour, é no momento de prova que se revela “o embotamento de desvios e de composições” que compõem o social (Latour, 2010, p. 45). E qual seria a prova exemplar? Ainda que existam outras modalidades de expressão, a mais pedagógica, segundo Latour, seria mesmo a *pane*. Com o estilo irônico que lhe é característico, o filósofo das ciências assim descreve: Um estudante senta-se em frente do computador e se põe a trabalhar. Tudo funciona muito bem até que, de repente, “paf, bug, gap, crise, furor” (Latour, 2010, p. 45). O computador, um mero *objeto técnico*, se apresenta agora como um *projeto sócio-técnico*: “de simples, meu computador se tornou múltiplo; de unificado, ele se tornou desarmônico; de imediato, ele se tornou mediado; de rápido, ele se tornou lento [...]” (Latour, 2010, p. 47). E parte da *rede* e dos *elementos heterogêneos constitutivos* que o mantinham funcionando em perfeito estado (*o social!*), e agora falham, vem ao primeiro plano e tornam-se visíveis: “é quando as coisas se complicam que procuramos analisar os seus elos [...]” (Latour, 2010, p. 16). Um processo de investigação<sup>5</sup>, no sentido de Dewey, se inicia. Levado à equipe de técnicos, a indeterminação inicial começa a ser revelada; a fonte da perturbação é encontrada e um problema se mostra progressivamente. Soluções e hipóteses são testadas, verificadas, experimentadas. Só então, passado algum tempo, é que o problema é, enfim, reparado, e o dono do computador pode usufruir de sua máquina, e retomar o seu curso de ação... Acontece que, uma vez concluído o processo, “*hop*, o que há de verdadeiramente original nas técnicas logo desaparece” (Latour, 2010, p. 55). É a *pane* o que permite a um objeto (no caso, o computador) se mostrar variável, aberto e, nesse sentido, que possa ser “redescoberto” não como uma “coisa inerte”, mas como um fluxo ininterrupto de associações cuja aparente fixidez só é mantida por uma série dinâmica e contínua de

---

5 Assim Dewey define a noção de investigação: “A investigação é a transformação controlada ou direcionada de uma situação indeterminada para uma que é tão determinada em suas distinções e relações constituintes, de forma a converter os elementos da situação original em um todo unificado” (Dewey, 1938, p. 108).

*desvios e composições* até então não visíveis. Muito embora a pane seja o exemplo mais didático, a situação de prova não pode ser a ela redutível. Explica, didaticamente, o autor que as situações de prova

[...] podem vir de inovações que introduzem um novo objeto no ambiente para o qual os espíritos não estão preparados; de um deslocamento no tempo ou no espaço que apresenta dispositivos que não correspondem nem a sua cultura nem aos seus hábitos; da arqueologia que retira da terra artefatos sem nenhum uso; enfim, da ficção quando um romancista hábil inventa mundos materiais que contrastam com os usos e costumes do mundo atual (Latour, 2010, p. 45).

Ainda em *Cogitamus*, mais precisamente na terceira carta, Latour continua a apontar para a importância da captação do social a partir do momento em que as coisas mostram-se instáveis e problemáticas, e em seguida enfatiza outro ponto fundamental para essa virada da sociologia francesa na direção do *social como problema*: as controvérsias científicas. Essas são, por definição, o momento em que diversos elementos do mundo se apresentam em sua condição instável. Para exemplificar, Latour fala dos enunciados que, ao longo da controvérsia, transitam no mais das vezes entre dois extremos: a dúvida radical e a certeza incontestável. O ex-professor da *École de Mines* explora a ideia de que “um enunciado que não precisa mais de aspas, de nenhuma condicional, possui a particularidade de tornar-se impossível de se distinguir do mundo” (Latour, 2010, p. 81-2). O enunciado incontestável (*dictum*), portanto, não é um pleonasmo do mundo, mas pode se tornar dele indiscernível como resultado provisório de uma longa controvérsia: “no início [...], o enunciado flutua; no fim, deve-se descobri-lo solidamente ancorado em uma paisagem precisa [...]” (Latour, 2010, p. 81). A hipótese de Latour é que, *no início, tudo é problemático, tudo é fato disputado (matter of concern)*; e que *os “fatos prontos” (matters of fact), as “certezas” são sempre* não o que é dado de antemão e sempre esteve lá para ser finalmente descoberto, mas *a resultante (sempre provisória, diga-se de passagem) de um longo processo controverso em torno de sua definição*. Tudo se passa como se a estabilidade fosse uma modalidade rara e insólita da reiterada variação constitutiva do mundo.

A tarefa que Latour então propõe, para bem acompanhar o *social como problema*, é seguir os atores em meio às controvérsias – e, assim, obviamente, encontrar as associações pertinentes (para os atores) do social. Mas como seguir uma controvérsia? O autor define como o acompanhamento do processo no qual o enunciado *ontologiza-se* progressivamente, ou seja,

deixa de ser uma mera frase flutuante e torna-se ele próprio, ainda que sempre interinamente, uma mera redundância do mundo. Em outros termos, seguir uma controvérsia exige analisar o próprio processo de composição do mundo; trata-se, portanto, de seguir o modo como os atores se esforçam para, apesar (e em razão) das diferenças, discordâncias, dissensos etc., comporem um mundo comum.

A tarefa do pesquisador é, por conseguinte, “seguir, traçar ou cartografar uma controvérsia” localizando “*todos os seus movimentos*” (Latour, 2010, p. 85), todas as suas passagens, suas transformações e mudanças intensivas. Isso inclui, também, acompanhar os enunciados ainda permeados de dúvidas e hesitações, passando pelos estados intermédios como o “rumor”, a “opinião”, o “parecer”, a “proposição” até a sua possível fase final, em que se tornam “descoberta” e “fato”, quer dizer, *inscrições* nítidas e bem definidas, posteriormente encontradas em artigos acadêmicos, sem a necessidade das aspas, como *caixas pretas*. Aproveitando essa reflexão, Latour propõe uma nova definição da sua disciplina, em nome da qual advoga, definindo o que, para ele, é a tarefa do pesquisador para captar o social:

Humanidades científicas [...] consistem em seguir *todas as provas* capazes de produzir ou não convicção, todas as engenhosidades, as montagens, as astúcias, os achados, as coisas graças às quais se termina por tornar evidente uma prova de modo a fechar uma discussão permitindo aos interlocutores mudar de opinião sobre o caso em torno do qual eles se encontram reunidos (Latour, 2010, p. 100).

Em outros termos, trata-se de analisar o processo de composição do social levado a cabo pelos atores nas situações em que ele é visível, quer dizer, nas situações problemáticas, de transformação, ruptura etc. Pois se nada, se nem mesmo a própria evidência é evidente *a priori*, então resta todo o trabalho de repertoriar as modalidades de constituição de sua emergência. E isso, é claro, sem fazer uso de uma metafísica anterior aos processos controversos ou transcendente aos atores e as suas atividades na controvérsia. Bem ao contrário, acompanhar a controvérsia significa descrever as formas pelas quais e os instrumentos por meio dos quais os próprios atores edificam e, por vezes, modificam a evidência. E, se evidência há, duas condições se impõem à análise. Primeiro, que ela *parta diretamente dos atores* em meios às situações de prova ou controvérsias e, segundo, *que ela seja uma resultante de sua atividade conjunta*. Quer dizer, não mais

de um *cogito ergo sum*, mas, para fazer referência ao título da obra, de um *Cogitamus ergo sumus*.

Latour destaca, ademais, o fato de, nos dias de hoje, existir uma proximidade muito maior entre o trabalho científico e a atividade leiga dos atores ordinários, e aponta para como, cada vez mais, lidamos com situações controversas não dotadas de um modelo prévio – um quadro de referência absoluto – que nos capacite a lidar diretamente com elas. Nesse último sentido, pode-se retornar à questão histórica e dizer, com Latour, que faz mais sentido falar no *social como problema*, porque *vivemos*, de fato, *em um mundo de mais a mais problemático* e somos obrigados, para retomar a famosa obra de Michel Callon, Pierre Lascoumes e Yannick Barthe (2001), a “agir em um mundo incerto”.

Por isso, nos importa aqui acentuar, tanto na importância que Latour confere às situações de prova e de pane quanto às controvérsias (as quais podem ser entendidas como incertezas duráveis), o modo como o autor propõe a captação do *social como problema*. Ou seja: o social não é mais o elemento que pode explicar as controvérsias (como as relações de poder entre os campos ou os *habitus* em Bourdieu), mas é, ele próprio, o que emerge dos movimentos problemáticos que se expressam no processo controverso. Nessa perspectiva, “dessubstancializar” o social implica não apenas submergi-lo na tessitura relacional do real, como os neoclássicos brilhantemente o fizeram, mas sobretudo apreendê-lo como problemas em movimento.

### **Do acordo social ao social como acordo: o fluxo do social pelas investigações axiológicas em Luc Boltanski e Laurent Thévenot**

Luc Boltanski e Laurent Thévenot são outros dois autores da constelação pragmática da sociologia francesa que apontam para a importância da captação do *social como problema*. Diferentemente de Latour, os fundadores do Grupo de Sociologia Política e Moral (GSPM) centram-se na dimensão moral dos vínculos entre os homens, sendo o seu objetivo captar as formas de acordo que as pessoas estabelecem entre si em meio a momentos críticos.

Em *De la Justification* (1991), Boltanski e Thévenot estipularam como hipótese de fundo a ideia de que o social não é nem um universo redutível a relações arbitrárias e de dominação (Bourdieu, 1964; 1970; 1979), nem fundado em um único princípio de justiça universalmente válido (Rawls, 1999). Ora, ponderam os autores, se não há um único princípio metafísico (seja ele um princípio de justiça ou de poder, de sentido ou de

força) externo aos atores com base no qual o analista pode explicar porque eles se acordam ou são obrigados a se acordar, é preciso atentar para o modo como os próprios atores, em situações de disputa, tecem e confeccionam o social através de investigações axiológicas. Nas palavras de Boltanski e Thévenot (1991, p. 25),

[...] a partir do momento em que o pesquisador não pode se dar ao direito de assentar a validade de suas afirmações em uma exterioridade radical, o término da descrição se torna problemático. É preciso então, na descrição, se manter o mais perto possível do modo como os próprios atores estabelecem a prova na situação observada, o que conduz a estar atento à diversidade de formas de justificação.

Assim como acima mostramos em Latour, essa reorientação se expressa em três níveis. Um primeiro é de ordem histórica. Quem melhor o desenvolve é Luc Boltanski em outro livro, chamado *L'amour et la justice comme competences*. Nessa obra, Boltanski sustenta a emergência de *uma sociedade crítica* e explora a ideia de que o discurso crítico da sociologia foi progressivamente metabolizado pelo senso comum. Ou seja, Boltanski argumenta que a crítica progressivamente tornou-se uma prática disseminada da qual os atores leigos fazem uso frequentemente e que, portanto, uma possível assimetria entre o sociólogo e o ator leigo, com relação a essa capacidade, cada vez mais faz menos sentido<sup>6</sup>.

---

6 Mas talvez seja Jean-Louis Dérouet, no livro *École et Justice* (1994), o autor da sociologia pragmática que mais bem explora a emergência de uma sociedade crítica. A passagem de uma sociologia crítica, como a de Pierre Bourdieu, para uma sociologia *da* crítica, como a que propõe Luc Boltanski, é tratada como uma necessidade epistemológica produzida pelas mudanças históricas ocorridas no sistema escolar francês. Dérouet descreve, no microcosmo da educação, uma mudança de um modelo de justificação simples no qual há um consenso em torno do ideal de igualdade de condições da escola republicana, na década de 1960, para um modelo de justificação complexo em que, a partir da década de 1980, outros ideais da “boa escola” entram no espaço de disputa: a escola comunitária, que coloca a proximidade com o ambiente familiar do aluno como elemento fundamental; a escola “inspirada”, que critica o modelo da escola universalista republicana como forma de domesticação da criatividade dos alunos; a escola pautada pelos valores do mercado, que aufere o valor das escolas pelas taxas de aprovação nos postos mais desejados etc. O autor diz que, em um universo de justificação complexo, não é mais possível fazer uma crítica com o potencial político da sociologia da dominação de Pierre Bourdieu, exatamente porque não haveria mais um consenso normativo em torno de um ideal a ser justificado ou criticado. De modo distinto, nesse contexto histórico pluralista, pós-década de

Agora voltemos à questão metodológica. A ideia da captação do social como problema, no caso de Boltanski e Thévenot, também passa pelo que pode ser chamado de heurística dos momentos críticos. Segundo os atores, o social é o que é, ao mesmo tempo feito e tornado apreensível pelos momentos críticos. E não se trata aqui de mobilizar um conceito externo ao que fazem os atores para explicar o modo como eles agem e estabelecem acordos quando submetidos às situações críticas nas quais se veem impelidos a justificarem-se. Ao contrário, é a própria atividade dos atores, quer dizer, o modo como eles experimentam e investigam as indeterminações, que permite ao sociólogo captar a lógica *nativa* que os conduz aos seus consensos provisórios. Logo, para os autores, importa olhar para os momentos críticos ou situações indeterminadas exatamente porque, nesses momentos, não apenas os indivíduos atualizam suas capacidades críticas através do empreendimento de investigações axiológicas, bem como suas expectativas concernentes ao justo, subentendidas e não articuladas em situações rotineiras e habituais, tornam-se manifestas. Ou seja: nos termos de Bruno Latour, nas situações críticas que envolvem formas de resolução axiológicas, as *redes morais de associações heterogêneas* se tornam visíveis para os atores e para o sociólogo<sup>7</sup>. Nesse sentido, observar como os atores

1980, restaria à sociologia traçar o repertório moral dos atores quando impelidos a explicitá-los em situações críticas. No microcosmo da educação teria havido um movimento que, na realidade, é extensível ao macrocosmo da sociedade (sociedade aqui utilizada no sentido da sociologia clássica!): após a crítica radical do modelo escolar republicano, cujo ápice pode ser simbolicamente situado em maio de 1968, existe a consagração progressiva de várias outras formas universais de ser justo ou do que seja uma “boa escola”, engendrando um contexto de justificação de mais a mais complexo. Essa disseminação da crítica, portanto, engendraria a necessidade da passagem de uma sociologia que faz e arroga para si o monopólio da produção da crítica social para uma sociologia *da* crítica que formaliza as competências críticas dos atores (Boltanski, 1990).

7 Não é à toa que em uma nota de rodapé de seu livro *Reassembling the Social*, Latour elogia fortemente a obra de Boltanski e Thévenot, *De la justification*: “A striking example of the richness of this approach has been provided in Boltanski and Thévenot, *On Justification*. In this major work, the authors have shown that it was possible to find a much more solid order once it was accepted that ordinary French persons, when engaged in polemics where they had to justify their positions, could rely not on one but six complete principles of justification (les Cités or Orders of Worth: Market, Industrial, Civic, Domestic, Inspired, Opinion) to which the authors later added a possible Green justification. See Claudette Lafaye and Laurent Thevenot (1993), ‘Une justification écologique? Conflits dans l’aménagement de la nature’. Although those principles were incommensurable, the sociologists, by moving one step further into abstraction, could nonetheless render them comparable. It’s this magnificent example of the power of relativity that I am

fazem, desfazem e refazem acordos implica igualmente em atentar para o que, até então, os mantinha acordados sem que uma explicitação fosse necessária. O próprio social, portanto, se torna duplamente apreensível nos momentos críticos, posto que o trabalho empreendido pelos atores mostra como *ele se faz e se refaz* ao mesmo tempo que expressa *do que ele era e é feito*. Afinal, como notam os autores,

as grandezas [ou valores] tornam-se particularmente proeminentes nas situações de disputa, tais como se pode observá-las nas inúmeras ocasiões da vida quotidiana. Caracterizadas por uma inquietude sobre a avaliação das pessoas, esses momentos são propícios à localização dos modos de qualificação (Boltanski; Thévenot, 1991, p. 26).

A hipótese é que o foco nos momentos críticos ou situações de prova que exigem dos atores uma atividade axiológica para a sua resolução ajudam no entendimento dos “modos de qualificação” que os atores utilizam para definir o que lhes é pertinente. E, assim, Boltanski e Thévenot levam a sério a capacidade dos atores de, na prática, definirem as propriedades e entidades que lhes importam; e isso inclui a definição, como diz Latour, do “que ela é, o que ela faz, como ela evolui e seu tamanho; [...] as relações de inclusão e qual ator é maior que o outro” (Latour, 1983, p. 5). Só uma abordagem que passe de uma metafísica da sociologia para as metafísicas e *metrologias morais* dos atores permite fazer jus à uma sociedade cujos princípios de justificação tornaram-se complexos.

A passagem a seguir mostra bem como o elemento metodológico está intrinsicamente ligado ao diagnóstico histórico das sociedades contemporâneas e críticas:

Essa orientação teórica que supõe capturar a ação em sua relação com a incerteza tem por consequência, no nível do método de observação, o enfoque da pesquisa nos momentos de disputa e de crítica que constituem as cenas principais dessa obra. Aliás, a *escolha de estudar prioritariamente esses momentos nos parece particularmente adaptada ao estudo de uma sociedade onde a crítica ocupa um lugar central e constitui um instrumento principal de que dispõem os atores para experimentar a relação do particular e do geral, do local e do global* (Boltanski; Thévenot, 1991, p. 31, grifos meus).

No livro *De la justification*, pois, Boltanski e Thévenot optam, para a captação do social nas sociedades contemporâneas, por colocar o foco nas

---

trying to emulate here” (Latour, 2005, p. 23).

situações em que uma crise ocorre – seja interobjetiva (i.e., uma falha de um computador, a luz que repentinamente se apaga, uma máquina na linha de produção que pifa, etc.) ou intersubjetiva (i.e., ofensas pessoais, desacordo interpretativo, querela intelectual etc.) – e os indivíduos são obrigados a exercer um trabalho (nos termos de Dewey, uma investigação) com vistas a devolver ao mundo um novo equilíbrio axiológico. Daí porque se pode dizer que Boltanski e Thévenot, ao invés de se perguntarem, como Pierre Bourdieu o fizera, que tipo de *formação ou estrutura social produz acordos ou encerra disputas*, eles se perguntam, de modo distinto, *como os acordos estabelecidos pelos próprios atores em momentos críticos produzem e transformam o social*. E daqui, enfim, retiramos as implicações ontológicas do argumento. E daqui, enfim, retiramos as implicações ontológicas do argumento: *o social deixa de ser o elemento explicativo dos acordos e torna-se ele próprio a resultante do trabalho empreendido pelos atores em momentos críticos que envolvem formas de resolução que fazem apelo à dimensão axiológica. O social é, portanto, o que se forma, se faz e se refaz a partir das investigações axiológicas empreendidas pelos atores nas situações críticas. Ele é captável como problema porque, em alguma medida, o social sempre é, a princípio, resultado dos contínuos movimentos problemáticos que o constituem e, em alguma medida, o refazem permanentemente*.

### **Do axiológico ao ontológico e do tempo passado ao tempo futuro: o social como problema em Francis Chateauraynaud**

Antigo aluno e colaborador de Luc Boltanski e fundador do Grupo de Sociologia Pragmática e Reflexiva (GSPR) da École des Hautes Études en Sciences Sociales, Francis Chateauraynaud é um dos autores mais destacados da segunda geração da sociologia pragmática na França. Em seu primeiro livro, *La faute Professionnelle*, o autor buscou desenvolver uma pragmática da atribuição de responsabilidade a partir de casos de conflito de trabalho. E logo nas primeiras páginas da aludida obra, Chateauraynaud define a sua estratégia de captação do social como problema:

*O argumento é a partir de agora clássico: a crise informa sobre a estrutura da qual ela se manifesta [...] Entre o acontecimento e o modo de tornar coerente os objetos e as relações que nele aparecem – o que a sociologia clássica chama de estrutura – há o trabalho de transformação operado pelos atores para tratar do acontecimento. Se nosso quadro de análise deve nos permitir descrever os constrangimentos que incidem para que se retorne à normalidade*



*quando uma anomalia, um desajuste, uma falha, uma incoerência, uma crise sobrevêm num dispositivo que liga pessoas e coisas, não se suporá outras formas estáveis a priori do que aquelas introduzidas pelos atores para qualificar a perturbação e tentar recolocar ordem em seu mundo. Assim, o trabalho empreendido pelos atores para identificar a fonte da perturbação do dispositivo do qual eles são parte integrante, e para tentar remediá-lo, nos informa consideravelmente sobre esse dispositivo sem que nós tenhamos necessidade de dele ter um conhecimento aprofundado **a priori** (Chateauraynaud, 1991, p. 24-26, grifos meus).*

Dois dos elementos elencados pela longa passagem bem sintetizam os pontos fundamentais que foram até aqui discutidos. Primeiro, Chateauraynaud sublinha a importância da crise como elemento fundamental para a compreensão dos elementos constitutivos da estrutura da situação da qual ela provém. Trata-se aqui, conforme exploramos acima, da estratégia metodológica: o *social* (dos atores) só é *apreendido* e *apreensível*, senão apenas, ao menos sobretudo *quando ele se mostra em sua condição incerta, indeterminada e problemática*. E essa condição problemática não apenas confere visibilidade aos elementos constitutivos e fundamentais para os próprios atores envolvidos na situação, mas permite, por isso mesmo, que daí se produza um conhecimento que deles parta e se mantenha, ao mesmo tempo, imanente às suas ações. Ou seja, essa estratégia metodológica que visa produzir um conhecimento acerca dos atores origina-se do próprio trabalho investigativo, reparativo, transformativo e explicitativo produzido no trato com as perturbações e problemas que lhes afligem.

Já que não há nenhuma metafísica universal ou princípio de dominação total (ou, como diria Latour, um quadro de referência absoluto) que possa dizer qual estrutura preside as ações e os comportamentos dos atores, então cabe olhar para a própria experimentação empreendida pelos atores nas situações de crise. É por isso que *o problema do social* só pode ser mapeado, cartografado e, nesse sentido, compreendido, através do *social como problema*<sup>8</sup>.

8 Convém rapidamente fazer uma referência à palavra estrutura, já que ela é tão carregada de sentido na tradição da sociologia francesa. E não é por acaso que Chateauraynaud, na parte final de *La faute professionnelle*, faz uma crítica à sociologia estruturalista de Pierre Bourdieu. Pois enquanto Bourdieu se punha a procurar os determinantes estruturais como os elementos condicionantes das ações dos atores, no caso da sociologia pragmática é o contrário que se verifica: é por meio das ações dos atores que se torna possível indicar, sempre *a posteriori*, os elementos estruturais que realmente lhes importam em uma dada situação. Mas veja bem: a estrutura – ou a estrutura social – está sempre na frente, ou seja, ela

O segundo ponto fundamental do argumento, expresso por Chateauraynaud, diz respeito à necessidade de não se supor nenhuma forma estável para além daquelas mobilizadas pelos próprios atores para qualificarem a perturbação que lhes aflige. Esse é o ponto mais acima desenvolvido por Bruno Latour e por Boltanski e Thévenot: o importante é olhar as metrologias, isto é, os critérios de definição forjados pelos atores para, diante de uma controvérsia ou situação crítica, estabelecerem o que realmente importa e o que é realmente pertinente em seus respectivos mundos. É apenas olhando os “modos de qualificação”, que emergem do momento crítico, que é possível dizer algo de realmente pertinente a respeito do social. E é precisamente disso que decorre a implicação ontológica do argumento: é pela descrição do modo como os atores experimentam e solucionam a perturbação que se pode conceber e conhecer o que é o (seu) social. E com isso, quem sabe, captar a lógica que preside suas ações quando os próprios edificam e reedificam uma situação crítica. *O social é, nesse sentido, a resultante da atividade dos atores em meio aos problemas.* Daí porque se trata não mais de olhar para como o social permite compreender a resolução de problemas, mas de perceber e apreender como contínuos fluxos problemáticos engendram o social.

Mas é sobretudo em *Experts et Faussaires* (1995), obra coautorada por Christian Bessy, que Francis Chateauraynaud traz uma novidade com relação ao modo como o argumento foi utilizado e desenvolvido por Boltanski e Thévenot em *De la justification*. Na aludida obra, Bessy e Chateauraynaud analisaram as situações críticas nas quais os atores se esforçam para restabelecer a *facticidade* do mundo. Ou seja, do mesmo modo que os atores nem sempre estão de acordo acerca do que é ou não justo, como Boltanski e

---

é sempre uma resultante provisória, permanentemente transformada pela ação dos atores, jamais devendo ser tratada como fator primordial explicativo de suas ações. Ou seja, a ênfase, no caso da sociologia pragmática, é toda ela nos elementos de incerteza e de indeterminação, que só são aplacados provisoriamente como a resultante do trabalho dos atores ao lidarem com as perturbações e problemas que lhes concernem. Não se trata de negar a presença de elementos anteriores à situação que nela influem, mas de enfatizar que só é possível determinar o papel ou poder de agência que eles podem (ou não) exercer, uma vez finda a ação em seu curso e seus estados expressos e experienciados pelos atores. Pois a estrutura, se ela existe, só é realmente visível e determinável após o decorrer de suas ações. Essa abordagem é muito diferente daquela propalada pela sociologia de Pierre Bourdieu que, bem ao contrário, enfatizava sobretudo as determinações *a priori*, pois o princípio “unificador das práticas”, o *habitus*, isto é, a estrutura de relações objetivas encarnada nos corpos, era o principal elemento a partir do qual poder-se-ia explicar o comportamento dos atores. Para uma excelente síntese do argumento de Pierre Bourdieu ver Peters (2013).

Thévenot bem o mostraram, o mesmo pode ocorrer com relação à realidade. Como Goffman nota na introdução que faz de seu *opus Magnum*, *Frame Analysis*<sup>9</sup>, há diversos momentos e situações nas quais os atores fazem uma diferenciação entre a aparência e a realidade. E é através da análise detida dessas situações críticas que Chateauraynaud e Bessy se dispuseram a pensar como os atores confeccionam uma economia da percepção capaz de atender as expectativas de seus respectivos sentidos de realidade. Em outras palavras, eles deslocaram o problema de ordem axiológica para a questão ontológica e se propuseram a observar não como os atores, por meio de referências a valores ou grandezas universalizáveis, estabelecem acordos, mas como eles, por meio da referência à tangibilidade<sup>10</sup> das coisas, reestabelecem o que é real.

Ora, a questão é igualmente fundamentada em um problema teórico de fundo: como fazer uma sociologia que não adote nem o construtivismo clássico (e mostre que tudo é, na verdade, artificialmente construído), nem um desconstrucionismo niilista (que vise mostrar como os atores, embora pensem que certas coisas lhes são reais, na verdade nunca o são)? Se não mais acreditamos que a filosofia ou a sociologia possam nos oferecer uma metafísica capaz de, no lugar dos atores, definir o que, para além deles mesmos, é real, isso não quer dizer que os próprios atores deixem de discernir, quando necessário, o que lhes é ou não real. Daí porque o papel de uma sociologia pós-metafísica é levar a sério as pretensões de realidade dos atores e bem descrever o modo como essas pretensões são realizadas *na prática e em situações concretas pelos atores*. Ou seja, a questão de fundo é olhar como o social, em sua facticidade não axiológica, mas ontológica, é produzido em meio aos movimentos problemáticos que se referem à realidade dos objetos e das entidades a que os próprios atores conferem pertinência em seus respectivos mundos. E assim como Boltanski e Thévenot buscaram compreender as metafísicas morais utilizadas pelos atores através da observação das situações de disputa, Bessy e Chateauraynaud fazem o mesmo no que concerne à questão dos objetos e das coisas, e tentam

---

9 Ao se referir ao pragmatismo de William James, diz Goffman (1974, p. 2): “ao invés de perguntar o que a realidade é, ele [no caso, James] dá à questão uma mudança fenomenológica e subversiva: *sob quais condições nós pensamos que as coisas são reais?* A questão importante sobre a realidade, na opinião de James, é o nosso senso de realidade em contraste com nosso sentimento de que algumas coisas não são dotadas dessa qualidade.”

10 Ver Chateauraynaud (1997) para o desenvolvimento mais detido sobre a questão da tangibilidade. Uma versão que eu mesmo traduzi para o português, ainda que não definitiva, encontra-se disponível em: <<http://sociofilo.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2010/08/chateauraynaud-a-prova-do-tang%C3%ADvel.pdf>>.

descrever a economia da percepção que é forjada e tornada visível em meio às situações críticas que perturbam o senso de realidade das pessoas.

De modo a bem analisar e descrever a forma como os próprios atores atestam a autenticidade dos objetos e a facticidade das coisas, Bessy e Chateauraynaud se puseram a analisar uma ampla gama de casos, dos quais

[...] processos de falsificação de marcas, polêmicas sobre a criação ou direitos de autoria, sessões de avaliação do valor de objetos, narrativas de colecionadores, controvérsias históricas ou arqueológicas, plágios e farsas literárias, casos de atribuição da autoria de quadros e casos de degustação (Bessy; Chateauraynaud, 1995, p. 17).

E assim, ao invés de se perguntarem que tipo de *convenção coletiva ou representação social produz a realidade dos atores*, Chateauraynaud e Bessy se perguntaram *como, ao restituírem a facticidade do mundo em momentos críticos, os atores explicitam os princípios de realidade que os norteiam – ao mesmo tempo em que produzem a facticidade dos elos que os atam aos outros e as coisas que constituem o social*. Nesse sentido, *o social deixa de ser o elemento explicativo da realidade e torna-se a resultante do trabalho empreendido pelos atores em momentos críticos que envolvem formas de resolução que fazem apelo não mais à dimensão axiológica da confecção dos acordos, como em Boltanski e Thévenot, mas à dimensão ontológica da produção de mundos*.

Em *Les Sombres Precurséurs* (1999), trabalho posterior escrito com Didier Torny, Francis Chateauraynaud traz uma novidade a respeito das modalidades de apreensão do *social como problema*. Na aludida obra, os autores não mais pensam a propósito das investigações axiológicas ou ontológicas voltadas para acontecimentos que já ocorreram, mas voltam-se para aqueles que ainda estão para ocorrer. Há um deslocamento temporal importante, ou seja: não se trata mais de pensar *o social como problema* a partir de acontecimentos passados que exigem dos atores uma atividade investigativa na busca de sua resolução, mas, de modo distinto, de pensar como os atores são capazes de produzir a facticidade de eventos que, embora eles afirmem a necessidade de uma ação presente, só ocorrerão no futuro.

A fim de melhor explorar essa questão, Chateauraynaud e Torny trouxeram à tona a figura dos denunciantes (*whistleblowers* ou *lanceur d'alerte*), versão contemporânea dos antigos profetas do apocalipse (*prophetes du malheur*)<sup>11</sup>. Novamente, uma razão histórica, outra metodológica e um argumento ontológico explicam a relevância de se pensar

11 Diferentemente dos profetas do apocalipse, os denunciantes têm por objetivo maior evitar a catástrofe que anunciam.

as situações críticas cujo modo de resolução aponta para a construção da facticidade de catástrofes e infortúnios que ainda estão por se realizar. Assim Chateauraynaud e Torny sintetizam a mudança na sensibilidade histórica relativamente ao risco e aos alertas:

Depois da multiplicação dos *affaires*, de Tchernobyl à crise da vaca louca, da contaminação da transfusão de sangue aos hormônios de crescimento ou à hepatite B, do amianto aos dejetos de dioxina, se forma um tipo de consenso sobre a necessidade de reconfiguração do controle público das novas situações de alertas sanitários [...] Se não se pode mais tudo prever, impõe-se a ideia de que se pode ser vigilante e acompanhar os processos de modo a fazer face às inevitáveis ‘surpresas’, ‘revelações’ e outros ‘elementos novos’ (Chateauraynaud; Torny, 1999, p. 17).

Na busca da captação do *social como problema*, Chateauraynaud e Torny buscaram “explicitar os constrangimentos da mobilização coletiva em torno de um risco postulado ou potencial” (Chateauraynaud; Torny, 1999, p. 14). Em outras palavras, a referida obra se propôs a refletir sobre as condições e limites existentes para que, a princípio, meros anúncios delirantes ou profecias ganhassem concretude e se tornassem efetivos riscos envolvendo a saúde pública e o bem-estar da coletividade. Afinal, mesmo se o risco se torna uma propriedade disseminada no tecido social, isso não quer dizer que todo risco seja levado a sério<sup>12</sup>. Ou seja, dizer que a dimensão problemática do mundo se torna, de mais a mais, parte constitutiva da experiência concreta e quotidiana dos atores não implica, evidentemente, sustentar que tudo o que lhes ocorre é problemático ou se mostra na condição de problema. Muito pelo contrário, isso significa sustentar que, mais do que nunca, é necessária a existência de dispositivos e critérios confiáveis capazes de discernir e diferenciar os alertas que apontam para acontecimentos e riscos concretos, reais e efetivos, daqueles despropositados, artificiais e irrelevantes.

Mas como analisar isso na prática? Como ser capaz de ver o social

---

12 Nesse sentido, a importância de *Les Sombres Précurseurs* é não apenas fazer do momento crítico um elemento fundamental para a análise sociológica, mas igualmente mostrar progressivamente como a incerteza e o risco se tornam parte integrante do mundo, alastrando-se pela experiência concreta e cotidiana dos atores. Trata-se efetivamente de uma questão histórica ligada ao que acima associamos a Ulrich Beck: o *social como problema* se faz de mais a mais relevante e presente *enquanto problema* exatamente porque a própria realidade se dá progressivamente em termos problemáticos.

como fluxo problemático em uma temporalidade potencial e futura? Para dar conta disso, Chateauraynaud e Torny mobilizam o argumento metodológico tratado até aqui e supõem que

[...] a descrição dos atos empreendidos pelos denunciante (*lanceur d'alerte*) e pelos agentes que os avaliam (responsáveis administrativos, cientistas, redes de vigilância de epidemiologias, mídia, representantes eleitos) torna visível os procedimentos colocados em prática para produzir um julgamento sobre a realidade do perigo e do risco (Chateauraynaud; Torny, 1999, p. 15).

Na obra citada não se trata mais, como Boltanski e Thévenot o fizeram, de pensar as condições de felicidade de uma argumentação justa, ou de como o social é edificado através de situações críticas que fazem apelo a formas de resolução axiológicas. De modo distinto, e reintroduzindo a questão ontológica de *Experts et Faussaires*, trata-se de pensar como as situações críticas em torno da definição de um alerta *real, efetivo e concreto* – ou seja, o prenúncio de algo capaz de tornar tangível, no imediatamente agora, aquilo cuja realização se efetiva apenas no sempre depois – confecciona o próprio social. Mais uma vez, a dimensão ontológica assume o primeiro plano, mas com um deslocamento temporal redefinido: *o social torna-se o que emerge do trabalho empreendido pelos atores nas situações de indefinição entre riscos efetivos e reais e anúncios delirantes e desarrazoados*<sup>13</sup>.

## Conclusão

Após ter passado por alguns dos autores emblemáticos da sociologia pragmática francesa, atendo-me especificamente ao modo como eles descrevem *o social como problema, isto é, o social a partir dos movimentos e fluxos problemáticos*, convém fazer uma pequena digressão, cuja motivação se nutre da seguinte pergunta: em que medida essa captação do social como

---

13 Uma outra novidade trazida à tona pela pesquisa dos alertas é, como no caso das controvérsias, a mudança de escala temporal. Os movimentos problemáticos por meio dos quais o social se torna captável e apreensível não são sempre de curta duração, mas por vezes se estendem no tempo. A questão tratada, por não ser mais resolvível em situações de curta duração, diz respeito a um efetivo e longo processo que envolve um *continuum* relativo à intensidade dos problemas e das investigações. Esse *continuum* refere-se, primeiro, à emergência da perturbação, que se inicia no ato de vigilância, passa pelo lançamento de um alerta, pela controvérsia técnica, pela polêmica, pela crise e vai até a sua normalização.

problema nos permite olhar para o surgimento da própria sociologia de outro modo?

Uma leitura retrospectiva, a partir do que foi dito, deve nos fazer lembrar a intrínseca relação existente entre o surgimento do saber sociológico e a crise social que engendra o que, posteriormente, chamou-se de modernidade. Nesse sentido, a sociologia deve ser encarada como a resultante das grandes crises ou rupturas que afetaram profundamente o Ocidente desde, pelo menos, a Revolução Industrial. Vista desse prisma, a condição de possibilidade do surgimento da sociologia está vinculada ao contexto geral das crises, modificações e transformações a partir das quais o *social*, uma vez dado na modalidade de movimentos problemáticos, tornou-se retraçável<sup>14</sup>. E assim, vista como uma “ciência da crise” (Nisbet, 1985), a própria sociologia ganha novos contornos.

Quando, em *As regras do método sociológico*, Émile Durkheim diz, no início do capítulo II, que “a primeira regra e mais fundamental é considerar os fatos sociais como coisas”, trata-se, portanto, de uma estratégia para captar esses movimentos e transformações existentes no emaranhado contínuo de relações problemáticas na qual ele estava imerso. Tratá-lo como “coisa” tornou-se, naquele momento, uma estratégia metodológica importante e necessária. Mas se, em um primeiro momento, esse modo de tratamento do social foi não apenas importante para a institucionalização do saber sociológico, mas também para retrair o social que se apresentava em sua conjuntura histórica, é igualmente verdade que, pouco depois, essa forma de captação se tornou um dos principais obstáculos e impeditivos para o avanço da teoria social. Trata-se de uma questão histórica. O próprio tecido social se complexificou e, com isso, passou a exigir da sociologia novas ferramentas de captação. E essa é a leitura que propomos da sociologia pragmática francesa: um esforço para forjar novas ferramentas analíticas de apreensão desse *novo social*, cada vez mais dado em sua modalidade de aparição problemática e, por isso mesmo, exigindo a sua captação nessa condição.

Mais acima, no que concerne à segunda metade do século XX,

---

14 Como bem nota Krishan Kumar (1978), há, ao menos, seis grandes imagens representativas das mudanças diagnosticadas pelos clássicos da sociologia daí decorrentes: (1) urbanismo como modo de vida; (2) transição demográfica; (3) o declínio das comunidades; (4) especialização da divisão do trabalho; (5) centralização, equalização e democratização; (6) secularização, racionalização e burocratização. Desse ponto de vista, é possível dizer que, mesmo o primeiro “social” dos teóricos clássicos (Marx, Weber, Simmel, Durkheim e cia.), só se tornou retraçável exatamente porque, nesse momento, esse conjunto de reconfigurações já expressavam um estado problemático dos elos e associações que, por isso mesmo, tornou o “social” e a “sociedade” visíveis.

mencionamos *en passant* as duas estratégias que a sociologia mobilizou para evitar o perigo da reificação do social. Com os neoclássicos Erving Goffman, Harold Garfinkel, Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Anthony Giddens, o “relacionismo” pareceu ser a estratégia dominante. Esses autores forjaram diversas maneiras de dissolvê-lo. Seja diluindo-o nas relações interativas (Garfinkel), nas interações face-a-face (Goffman), nas redes de interdependência (Elias), na relação dialética entre agência e estrutura (Giddens), na relação prática com a prática ou ainda na relação dialética entre *habitus* (estrutura estruturante) e campos (estrutura estruturada) (Bourdieu), a dimensão relacional do social foi o pano de fundo comum. Para esses autores, a resposta ao problema da reificação do social, de seu estatuto, estava na tese segundo a qual as relações são anteriores aos termos. A partir daí toda uma nova epistemologia foi mobilizada para captar essa nova ontologia de um mundo, de mais a mais, relacional.

A partir da década de 1980, contudo, mostramos como a estratégia parece ter avançado em outra direção. De modo irreduzível ao social (relacional) dos “clássicos contemporâneos”, um conjunto de autores propôs uma outra estratégia: o enquadramento do *social como problema*. Não se tratava mais de pensar o estatuto do social, nem de tratá-lo como fator explicativo das coisas. Ao contrário, ele próprio tornou-se o que, em meio aos problemas, deve ser explicado<sup>15</sup>.

Portanto, se para neoclássicos a estratégia principal foi diluir a estrutura de relações objetivas na prática, na agência, nas configurações ou relações de interdependência ou nas interações, com os contemporâneos pós-década de 1980, mais precisamente com a sociologia pragmática francesa, tratou-se de captá-lo nas situações problemáticas, nos momentos críticos, alertas ou *affaires* coletivos. Sem aderir a um princípio explicativo do social ou do indivíduo, mostramos como a perspectiva *pragmatista* propunha a descrição do modo como os próprios atores, ao lidarem com situações críticas, indeterminadas ou instáveis, agiam a fim de restabelecer um novo equilíbrio provisório. *O social tornou-se então o resultado do que se faz, se desfaz e refaz através desses processos investigativos empreendidos*

---

15 Esse é o argumento ontológico que permeia os autores dos quais tratamos acima: a própria ontologia do mundo não é definível por um princípio externo às ações dos atores, mas o que emerge a partir de suas ações, investigações empreendidas – as quais se tornam visíveis nos momentos críticos e situações problemáticas. A dimensão relacional herdada pelos neoclássicos se manteve e se radicalizou, mas o elemento fundamental foi ligeiramente deslocado. “Dessubstancializar” o social – ou simplesmente *atualizar o social durkheimiano a partir do mundo contemporâneo* – nessa segunda linha implicava não apenas submergi-lo na tessitura relacional do real, mas sobretudo apreendê-lo como problemas em movimento.



*pelos atores*. Evitou-se, com isso, a postulação de uma metafísica de partida (da sociologia) que não se deixasse contaminar pelas metafísicas expressas nas ações dos atores em situações problemáticas.

Com Bruno Latour, aprendemos o quão profícuo pode ser captar o social através dos movimentos problemáticos existentes, quando o “fato bruto” ainda se encontra em “estado quente”, como nas situações de prova ou nas controvérsias. Luc Boltanski e Laurent Thévenot mostraram a importância de atentar para os momentos nos quais, submetidos ao imperativo de justificação, os atores se esforçam para estabelecer um novo acordo através da referência a princípios de justiça comumente aceitos e partilhados. Ou seja: como o social é constituído e reconstituído a partir das investigações axiológicas empreendidas pelos atores em situações críticas cujo modo de resolução apela para os princípios morais que gozam de legitimidade pública. Passando da dimensão axiológica para a ontológica, Francis Chateauraynaud e Christian Bessy deslocaram a pergunta para o modo como se produz e reproduz o social por meio das situações problemáticas que ferem e mobilizam o senso de realidade dos atores. Aqui, a mesma estratégia de análise foi mantida: ao invés de estabelecer um princípio de realidade para além daqueles vigentes em uma determinada configuração situacional, os autores se propuseram a analisar, acompanhar e descrever as situações em que a realidade e a aparência se achavam indiscerníveis para atores. Em um momento subsequente, a perspectiva do social como problema foi estendida para além das situações de curta duração, e ampliada àquelas duráveis, quer dizer, de longa duração. Vimos como Francis Chateauraynaud, em trabalho com Didier Torny, apresenta esse social problemático, fluído e dinâmico através da figura dos denunciante (*lanceur d’alerte*), quer dizer, agentes contemporâneos que denunciam situações críticas vindouras nas quais a ação reparadora deixa de se pautar apenas pelo que já aconteceu e se volta para o que pode acontecer – ou acontecerá, caso providências imediatas não sejam tomadas<sup>16</sup>.

Dito isso, faz-se preciso retomar a questão inicial. Se é verdade, tal como falamos rapidamente no início da conclusão, que Durkheim, Marx e Weber podem ser vistos como autores que retraçaram *o social* que se tornou, para eles, apreensível a partir das crises, transformações, rupturas, em poucas palavras, *dos movimentos problemáticos* de seus respectivos contextos sócio-históricos, o que parece estar em jogo nos elementos propostos pela sociologia pragmática é a seguinte questão: o que é fazer uma

---

16 O deslocamento temporal é aqui o elemento fundamental: o emaranhado de problemas que formam e constituem a tessitura associativa e relacional do social não se restringem aos eventos já ocorridos, mas voltam-se para potenciais infortúnios.

sociologia adaptada ao mundo contemporâneo? Ou seja: como a sociologia pode captar, para retomar a expressão de Michel Foucault, a “ontologia do tempo presente”? Arrisco-me a dizer que levar a sério o que os sociólogos contemporâneos propõem pode nos oferecer boas pistas.

## Referências

- BECK, Ulrich. **Risk Society**. Towards a new modernity. London: Sage Publications, 1992.
- BENATOUÏL, Thomas. Critique et pragmatique en sociologie. Quelques principes de lecture, *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, v. 54, n. 2, 1999, p. 281-317.
- BOLTANSKI, Luc. **L’amour et la justice comme compétences**: trois essais de sociologie de l’action. Paris: Métailié, 1990.
- \_\_\_\_\_. **De la critique**. Précis de sociologie de l’émancipation. Paris: Gallimard, 2009.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. **De la justification**: les économies de la grandeur. Paris: Gallimard, 1991.
- \_\_\_\_\_. The Sociology of Critical Capacity. *European Journal of Social Theory*, n. 2, v. 3, 1999, p. 359-377.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent; CLAVÉRIE, Elisabeth. Du Monde Social en tant que Scène d’un Procès. In: BOLTANSKI, Luc et al. (eds.). **Affaires, Scandales et Grandes Causes**. Paris: Stock, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Algérie 60 (soixante)**: structures économiques et structures temporelles. Paris, Minuit, 1977.
- \_\_\_\_\_. **La distinction**. La critique sociale du jugement. Paris: Minuit, 1979.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Les héritiers**: les étudiants et la culture. Paris: Minuit, 1964.
- \_\_\_\_\_. **La reproduction**. Eléments pour une théorie du système d’enseignement. Paris: Minuit, 1970.
- BREVIGLIERI, Marc; STAVO-DEBAUGE, Joan. Le geste pragmatique de la sociologie française. Autour des travaux de Luc Boltanski et Laurent Thévenot. **Antropolítica** - Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política, Niterói, v. 7, 2. sem. 1999, p. 7-22. Disponível em: <[http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropolicas/revista\\_antropolitica\\_07.pdf](http://www.uff.br/antropolitica/revistasantropolicas/revista_antropolitica_07.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2013.
- CALLON, Michel; LASCOUMES, Pierre; BARTHE, Yannick. **Agir dans un monde incertain**. Essai sur la démocratie technique. Paris: Seuil, 2001. (Coll. La couleur des idées).
- CEFAÏ, Daniel. La construction des problèmes publics. Définitions de situations dans des arènes publiques. *Revue Réseaux*, v. 14, n. 75, 1996, p. 43-66.
- CHATEAURAYNAUD, Francis. **La faute professionnelle**. Paris: Métailié, 1991.

- \_\_\_\_\_. **Prospero**: Une technologie littéraire pour les sciences humaines. Paris: CNRS, 2003.
- \_\_\_\_\_. L'épreuve du tangible: Expériences de l'enquête et surgissements de la preuve. In: Karsenti Bruno; Quéré Louis (dir.) **La croyance et l'enquête**. Aux sources du pragmatisme. Raisons Pratiques, v. 15. Paris: EHESS, 2004. p. 167-194.
- \_\_\_\_\_. **Argumenter dans un champ de forces. Essai de balistique sociologique**. Paris: Pétra, 2011.
- CHATEAURAYNAUD, Francis; BESSY, Christian. **Experts et Faussaires**. Pour une sociologie de la perception. Paris: Métailié, 1995.
- CHATEAURAYNAUD, Francis; DIDIER, Torny. **Les sombres précurseurs**. Une sociologie pragmatique de l'alerte et du risque. Paris: EHESS, 1999.
- DEWEY [1938]. **Logique**. La théorie de l'enquête. Paris: PUF, 1993.
- DOSSE, François. **O império do sentido: a humanização das Ciências Humanas**. Trad. Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: Edusc, 2003.
- DURKHEIM, Émile. [1895]. **As regras do método sociológico**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ELIAS, Norbert. [1970]. **Introdução à Sociologia**. Trad. Maria Luiza Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ELIAS, Norbert [1939]. **O Processo Civilizacional**, vol. I. e II. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Dits et Écrits II – 1976-1988**. Paris: Quarto Gallimard, 2001.
- GARFINKEL, Harold. **Studies in Ethnomethodology**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1967.
- GOFFMAN, Erving. **Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior**. New York: Doubleday-Anchor, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Frame analysis**. New York: Harper & Row, 1974.
- INGOLD, Tim. **Key Debates in Anthropology**. London: Routledge, 1996.
- LATOUR, Bruno. **Reassembling the Social: an introduction to actor-network theory**. Oxford University Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Changer de Société**. Refaire de la sociologie. Paris: La Découverte, 2006.
- CALLON, Michel; LATOUR, Bruno. Pour une sociologie relativement exacte. In: ROBERGE, Jonathan; SÉNÉCHAL, Yan; VIBERT, Stéphane. **La Fin de la société**. Débats contemporains autour d'un concept classique. Outremont, Québec: Athéna, 2012, p. 39-66. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/16-SOCIO-RELATIVISTE.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2013.
- KUMAR, Krishan. **Prophecy and progress: the sociology of industrial and post-industrial society**. London, Penguin, 1978.
- LEMIEUX, Cyril. À quoi sert les analyses des controverses? Société d'études soréliennes | Mil neuf cent. Revue d'histoire intellectuelle, n. 25, 2007.
- \_\_\_\_\_.(dir.). **La subjectivité journalistique**. Onze leçons sur le rôle de l'individualité dans la production de l'information. Paris: EHESS, 2010. (Coll. Cas de figure 12)

- LEPETIT, Bernard (dir.). **Les Formes de l'expérience**. Une autre histoire sociale. Paris: Albin Michel, 1995.
- NACHI, Mohammed. **Introduction à la sociologie pragmatique**. Vers un nouveau style sociologique? Paris: Armand Colin, 2005.
- NISBETT, R. **A história da idéia de progresso**. Brasília: EdUnB, 1985.
- PETERS, Gabriel. Habitus, reflexividade e neo-objetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 83, 2013, p. 47-71. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v28n83/04.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2013.
- RAWLS, Anthony. [1971]. **Theory of justice**. Harvard: Harvard University Press, 1999.
- VANDENBERGHE, Frédéric. Introduction à la sociologie (cosmo) politique du risque d'Ulrich Beck. **Revue du MAUSS**, n. 17, 2001/1, p. 25-39. Disponível em: <[www.cairn.info/revue-du-mauss-2001-1-page-25.htm](http://www.cairn.info/revue-du-mauss-2001-1-page-25.htm)>. Acesso em: 20set. 2013.
- \_\_\_\_\_. "O real é relacional". Uma análise epistemológica do estruturalismo gerativo de Pierre Bourdieu. In: VANDENBERGHE, Frédéric. **Teoria social realista: um diálogo franco-britânico**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2010.
- \_\_\_\_\_. Construção e Crítica na nova sociologia francesa. In: VANDENBERGHE, Frédéric. **Teoria social realista: um diálogo franco-britânico**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2010.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O conceito de sociedade em antropologia. In: \_\_\_\_\_. **A Inconstância da Alma Selvagem**. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

Recebido em 17/02/2014  
Aprovado em 25/03/2014